

Sentimentos e estranhamento: um rascunho sobre a metodologia da pesquisa e da escrita sobre gênero e traição

Eronides Câmara de Araújo-Professora Doutora pela
UFCG- Universidade Federal de Campina Grande ero@oi.com.br

Resumo: Através desse texto publicizo as dores, mas também os prazeres que foram sentidos na pesquisa e na escrita, ao construir, através da operação - dos conceitos, dos dados da pesquisa, a funcionalidade da análise do tema “**masculinidade e traição**”. Por essa escrita tenho a pretensão de refletir o exercício da pesquisa e da escrita, pela arte de escrever. Não é uma arte fácil, mas é uma oportunidade de fazer registro sobre a vida e esta situação me deu o prazer da produtividade e da transformação. Como fonte de pesquisa, utilizo a minha tese de doutorado. Escolho como metodologia da escrita para este texto: o amor ou a paixão, enfim, o encantamento com o outro (a pesquisa e a escrita) e seus desdobramentos. Discutir a pesquisa me fez pensá-la como o “Outro” fala, provocou barulho e muitas vezes, pelo silêncio, intimidou mas também soprou muitas ideias; me fez repensar o meu lugar na relação com o “Outro”, no qual fiz muitas perguntas, com curiosidades, com interrogações, mas com desejos de conhecê-lo e, como historiadora, de interrogar: que transformações permitiram que você, meu ‘objeto’ de pesquisa passasse a ter existência? Estudos sobre narrativas¹ indicam que os eventos só tornam-se história quando as narrativas os descrevem, lhe dando existência. Foram muitos olhares, encontros e um começo de um encantamento. Organizo esse texto como um percurso de relacionamento, onde na relação entre o Eu e o Outro (a pesquisa e a escrita) houve encantamento, paquera, desejos, conquista, paixão, as descobertas, os conflitos e a separação.

Palavras-chave: Traição, masculinidade, corpo e sexualidade

¹ Cf. McLaren, Peter, Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997

Introdução: os encontros, os olhares.....

No ano de 2007 entrei no Programa de Pós-Graduação para cursar o doutorado em Ciências Sociais na UFCG². Foram quatro anos de paquera, paixão, casamento e afastamento, experiência singular dos relacionamentos entre os amantes. Durante esses quatro anos, vários autores e autoras cruzaram minha escrita para pensar e escrever sobre o tema da masculinidade e da traição. Apresento agora sujeitos, técnicas e táticas, que sem estar em qualquer ordem, transpassaram meu corpo e as minhas subjetividades na pesquisa e na escrita. Escolho como metodologia da escrita para este texto: o amor ou a paixão, enfim, o encantamento com o outro (a pesquisa e a escrita) e seus desdobramentos.

Através desse texto publicizo as dores, mas também os prazeres sentidos na pesquisa e na escrita da tese, ao construir, através da operação - dos conceitos, dos dados da pesquisa, para fazer funcionar a análise do tema “**masculinidade e traição**”. Por essa escrita tenho a pretensão de refletir o exercício da pesquisa e da escrita, pela arte de escrever. Não é uma arte fácil, mas é uma oportunidade de fazer registro sobre a vida e esta situação me deu o prazer da produtividade e da transformação.

Neste texto expresso meus sentimentos, como o prazer, a dor, a angustia, a felicidade e o ‘fim’ provisório de uma relação afetiva com a pesquisa sobre o tema da minha tese de doutorado, por isso uso metaforicamente da afetividade, na qual eu e ela (a pesquisa) nos conhecemos e vivemos o estranhamento, mas também, admiramo-nos com recuos e avanços, com práticas de amor, mas também de medo, muitas vezes na solidão e na tristeza. Essa dor, que muitas vezes foi física, foi também subjetiva.

Discutir a pesquisa me fez pensá-la como o “Outro” fala, provoca barulho e muitas vezes, pelo silêncio me intimidou? mas também, soprou muitas ideias, me fez repensar o meu lugar na relação com o “Outro”, no qual fiz muitas perguntas, com curiosidades, com interrogações, mas com desejos de conhecê-lo e como historiadora, de interrogar: que transformações permitiram que você, meu ‘objeto’ de pesquisa passasse a ter existência? Estudos sobre narrativas³ indicam que os eventos só tornam-se história quando as narrativas os descrevem, lhe dando existência. Foram muitos olhares, encontros e um começo de um encantamento. Organizo esse texto como um

² Universidade Federal de Campina Grande

³ Cf. McLaren, Peter, *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997

percurso de relacionamento, onde na relação entre o Eu e o Outro (a pesquisa e a escrita) houve encantamento, paquera, desejos, conquista, paixão, as descobertas, os conflitos e a separação.

A justificativa: A mudança de relacionamento e o tema da pesquisa, a paquera

Estava eu tentando enamorar, eu queria me apaixonar por um tema e apareceu na minha trajetória como professora do PROLIND⁴, o tema da identidade indígena. Eu havia tido uma experiência de dois anos trabalhando com os povos indígenas “Potiguara”⁵ que residem na Baía da Traição⁶. A motivação principal era pensar o modelo de ensino desejado pelos indígenas Potiguara em sala de aula, pela qual me inspirou bastante como professora da UFCG. Nas disciplinas no doutorado comecei a ler e escrever sobre os indígenas. Era uma preparação para pesquisa, mas o encantamento ainda não estava presente nessa paquera, muito calor afetivo ainda estava para ser sentido.

Certo dia fui ao um bar em um bairro periférico de Campina Grande tomar uma cerveja com amigos e lá me deparei com uma brincadeira de alguns homens em uma mesa ao lado da qual eu estava sentada. Eles chacoteavam com um amigo que havia sido traído, mas todos rindo, inclusive o homem traído. Para minha surpresa, um rapaz que ia passando em uma bicicleta foi chamado para mesa a fim de confirmar que ele era o “Ricardão”. Eu imaginava que ia haver uma verdadeira confusão, mas a brincadeira continuou e um amigo que estava comigo na mesa afirmou que era comum aquela situação e que havia um senhor no bairro que saía esporadicamente com um carro de som informando qual era o mais novo homem traído do bairro. Foi aí que eu indaguei: está havendo uma transformação na prática da masculinidade? Tem homens brincando com o valor da honra?

⁴Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas – PROLIND- Cf. <http://portal.mec.gov.br/pet/pet> visitado em 10 de julho de 2016.

⁵ “Os Potiguara tinham em 2004 uma população estimada em 10.837 habitantes (Funasa), distribuída em 32 aldeias nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto e nas áreas urbanas de Baía da Traição (1.058 pessoas) e de Marcação (648).

As aldeias constituíam três Terras Indígenas (TI) contíguas: Potiguara, Jacaré de São Domingos e Potiguara Monte-Mor. Em 2005, iniciou-se o processo de identificação de uma outra terra denominada Mundo Novo/Viração. A formação dos três municípios paraibanos onde os Potiguara se localizam - Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto - guarda uma estreita relação com a constituição dos aldeamentos missionários de São Miguel de Baía da Traição e Monte-Mór, sendo este último” Cf. <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/potiguara/934> visitado em 23 de julho de 2016.

⁶ João Pessoa “[...] è um município do estado da Paraíba, no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2014 sua população era estimada em 8.696 habitantes. Cerca de 90% do município está dentro de reservas indígenas dos Potiguaras”. Disponível In https://pt.wikipedia.org/wiki/Ba%C3%ADa_da_Trai%C3%A7%C3%A3o visitado em 09 de julho de 2016.

Primeira questão apareceu para eu pesquisar como historiadora: que **transformação** teria acontecido ou ainda estava acontecendo para que este ‘fenômeno’ estivesse existindo? **Motivada** pela minha experiência⁷, me **identifiquei** com o tema, passei a paquerá-lo e fiz nova escolha para o projeto de doutorado. O tema apareceu como uma provocação na minha trajetória acadêmica e pessoal, para que eu pudesse pensar as discontinuidades, nas quais constituem a produtividade subjetiva do masculino sobre a infidelidade feminina, mas também, pensar as subjetividades sobre as condições assimétricas e inferiores, construídas historicamente para a mulher.

Este foi um momento de encantamento com esse novo tema para a tese. Estava eu construindo uma pesquisa sobre o gestar da vida. Era o momento de levantar informações sobre o Outro, - o tema. Quem era esse outro? E fui buscar escritos de pessoas que pesquisaram sobre o tema e foi aí que comecei a ter certa segurança e amadurecimento intelectual sobre a temática. Só a leitura nos dar essa experiência. O sujeito leitor é aquele que se fortalece pelas perguntas e pelas respostas. Fui atrás desse desafio. Era um dos primeiros passos para fortalecer minha formação sobre o tema. Eu precisava conhecê-lo e a literatura que tratava do tema fortalecia meus argumentos. Uma das primeiras leituras foi o da escritura de Miram Goldenberg⁸, a de Durval Muniz de Albuquerque Jr.⁹. A primeira discute traição e o segundo masculinidade.

Comecei a buscar textos na internet e passei a comprar livros e revistas que estavam citadas nas bibliografias dos livros que eu estava lendo. Nessa fase da **pesquisa bibliográfica** paquerei e fui paquerada pelas palavras, pelas criações inventivas das palavras para entender como este tema era investigado. Que **perguntas esses autores** haviam feito ao tema? quais as **temporalidades** e a **espacialidades** estavam sendo estudadas? quais as **fontes** trabalhadas? quais os **conceitos** usados para discutir o tema, enfim, que **projetos** os autores que eu havia estudado haviam produzido sobre o tema.

Passei a socializar minha angustia com outras pessoas. E foi em um domingo, 30 de março de 2008, estava eu em casa e o telefone toca. Era a professora Keila Queiroz Gurjão¹⁰ me informando

⁷ A experiência de ter sido acusada e julgada judicialmente, como culpada pela dissolução do casamento, contribuiu para que depois de duas décadas, eu pesquisasse sobre o tema e analisasse as formas dos homens lidarem com a infidelidade feminina na contemporaneidade.

⁸ [Goldenberg, Mirian](#) Infiel – Notas de uma Antropóloga. Rio de Janeiro: Record, 2006. 364 p.

⁹ Albuquerque Jr. Durval Muniz. Quem é frouxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino” Disponível In <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928> visitado em 14 de junho de 2016

¹⁰ Professora da Unidade Acadêmica de Educação da UFCG.

que no jornal daquele dia havia saído uma matéria sobre homens traídos. Fui à banca e comprei um jornal¹¹, com o título “Eles são mais felizes na Cornolândia”. Li a matéria e descobri o que eu queria estudar. Encontrei a minha paixão.

Eu não deveria **tratar de todo o tema**, eu deveria encontrar nesse universo temático algo que eu tivesse desejo de conhecer e de viver uma relação no mínimo por quatro anos. Formulei **meu “objeto”**: a experiência da traição e as práticas de masculinidades. Tracei um plano para pesquisa e fui até à Associação de Cornos em João Pessoa¹² e conheci meu principal sujeito da pesquisa, pelo menos até aquele momento: o Sr Mariano. Este homem construiu uma Associação de Cornos no seu lugar de trabalho. Um comércio de lanches no mercado do bairro da Torre. Fiz algumas entrevistas com ele e com a ‘psicóloga’ dos cornos, que na verdade era a vendedora de tapioca que comercializava esse produto em frente à Cornolandia. De posse desses dados e de uma investigação que fiz na Internet sobre as associações de cornos no Brasil, preparei meu primeiro capítulo para a qualificação.

A qualificação: a tarefa de assumir meus desejos

Foi aí que foi apontado o meu **primeiro erro**: eu não havia construído um outro projeto de pesquisa, apenas redesenhei algumas ideias e apresentei o que eu achava que era possível trabalhar. E apareceu meu **segundo erro**: por que minha experiência no processo crime não aparecia na minuta da tese da qualificação? Onde eu estava na pesquisa? Que sujeito de pesquisa era eu que falava da experiência do Outro como se ela não me tocasse ou não me emocionasse? Todas as ideias ditas pela banca foram registradas pelo gravador e transcritas e, passei a examinar uma por uma e ver as possibilidades de quais poderiam ser adotadas. Sentei e fui ler o processo crime que tratava da minha separação conjugal. Eu já havia lido o livro de Foucault “A verdade e as formas jurídicas”¹³ e eu comecei a questionar o discurso jurídico sobre a honra e a normatização dos corpos presentes no processo da minha separação. Apareceram sentimentos de raiva, de revolta. Passei uma semana, duas, três, sem conseguir ler e nem escrever. Estava naquela fonte uma escritura de poder, pela qual justificava a manutenção de práticas da masculinidade e uma diferenciação de gênero,

¹¹ Jornal da Paraíba, “Eles são mais felizes na Cornolândia”. Domingo, 30 de Março de 2008- Caderno 7.

¹² João Pessoa é um [município brasileiro](#), [capital](#) e principal [centro financeiro](#) e [econômico](#) do [estado](#) da [Paraíba](#). Com 791 438 habitantes (estimativa de 2015), é a quinta cidade mais populosa da [Região Nordeste](#) e a 14ª do Brasil e sua [região metropolitana](#), formada por João Pessoa e mais onze municípios, tem uma população de 2 982 297 pessoas (IBGE/2015),^[7] a sexta maior do nordeste brasileiro”. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pessoa Visitado em 10 de maio de 2016.

¹³ FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Supervisão final do texto de Léa Porto de Abreu Novaes et AL. J.- Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

onde a mulher era representada como diferente e desigual. Depois tomei coragem e pensei: assumindo-me como sujeito da pesquisa **era uma forma de escancarar as memórias femininas e refletir os discursos masculinos sobre a honra.** Essa deveria ser a contribuição social da minha tese. Eu deveria escriturar como eu fui educada e cobrada para honrar meu pai e meu marido e como eu transgredi tudo isso.

Houve uma mudança radical na minuta da tese. Eu queria investigar como fui pedagogizada para ser fiel e porque eu havia burlado essa norma. Fui à pesquisa bibliográfica outra vez para encontrar vários temas e cito alguns a) o **sujeito na narrativa:** era uma indicação metodológica de como eu deveria entrar como sujeito na pesquisa; b) **gênero:** eu precisava estudar e pesquisar por que homens e mulheres foram educados a se comportarem de forma diferente; c) **masculinidade e poder:** eu deveria estudar a produção de uma economia masculinista que fazia funcionar o exercício de poder e as práticas de masculinidade; d) **honra e norma:** esse dois conceitos constituem as existências culturais de gênero e estava presente no processo-crime. O primeiro conceito, o de **honra**, foi explicado na tese como construída simbolicamente para que fosse carregada pelo corpo feminino, ou seja, a honra não é da mulher, é do homem, mas era a mulher que deveria por ela responsabilizar-se; o segundo conceito, **a norma**, teve sua funcionalidade nas relações de gênero para vigiar e fazer o controle social sobre o corpo; e) **pedagogias do corpo;** por último, fazendo parte desse conjunto de conceitos que iam me aproximar do ‘objeto’, estava a pedagogização do corpo. Ele iria me ajudar a problematizar o corpo educado para carregar simbolicamente a honra; Estava sendo trilhado o caminho da pesquisa para tese e o começo de um grande desejo de ficar junto.

A metodologia: O mapeamento das fontes: uma forma de cuidado de si e do OUTRO, pela conquista

E agora, quais seriam as minhas fontes para trabalhar a questão da pedagogização do corpo? Pensei: as minhas memórias. Eram memórias femininas, que por muito tempo haviam sido proibidas de serem narradas. Eram as memórias sobre a pedagogização do meu corpo; um corpo educado para ser virgem e fiel; um corpo, que pela virgindade, preservava a honra de meu pai e pela fidelidade preservava a honra de meu marido. Era um corpo com marcas das identidades do Outro: o masculino. Estavam desenhadas as primeiras linhas para o primeiro capítulo. Só precisava mapear por onde a educação do meu corpo havia sido trilhada. Eu escolhi a educação formal: a escola e suas estratégias de corpo educado. A escola informal: a igreja, a educação familiar, as práticas de

sociabilidades, as brincadeiras de crianças, os programas de rádio, enfim, o corpo e a honra ocuparam todos os currículos de educação de gênero. Era o desenho do primeiro capítulo.

A segunda fonte foi o processo de separação judicial. É outro tipo de fonte, pelo qual foi produzido como representação do julgamento pelo direito e deveria servir como exemplo para o controle social, quando a educação do corpo foi burlada. Era a fonte que indicava que eu não havia honrado meu compromisso pela educação de gênero, para honrar meu pai, minha família e meu marido. E eu como pesquisadora e sujeito da pesquisa precisava colocar essa fonte sobre suspeição. Precisava questionar a historicidade das verdades presentes naqueles discursos e a funcionalidade de poder nele e para ele produzida. Eu precisava investigar os modelos de cultura que mediavam as relações de gênero, pelo controle e pela disciplina e o processo judicial era uma excelente fonte para esse estudo. Ao mesmo tempo eu precisava exercitar pela escrita, o cuidado de si e do Outro construído culturalmente. Era o desenho do segundo capítulo.

Para o terceiro capítulo, eu tinha as entrevistas de seu Mariano, presidente da Associação de Cornos, e da ‘psicóloga’ em João Pessoa. Foi nessa Associação que houve meu encontro com o riso. E veio a pergunta para o meu desenho: por que uma Associação de Cornos? Para que servia? A minha arte para este capítulo foi a de pensar que a associação era uma forma de agenciar outros homens, pelo riso e pelas brincadeiras e de forma simbólica, para tornar a dor da infidelidade culturalmente menos violenta. Tradicionalmente, a dor da traição feminina havia sido representada como a destruição da honra masculina. A Associação de Cornos tentou criar novas formas de transformação das práticas culturais da masculinidade. O homem traído não deveria matar. Eles criaram várias formas simbólicas para que a associação apresentasse identidades e fosse reconhecida socialmente, através do Cartão de Crédito Chifocard; da Carteira de Sócio, pela figura simbólica da ‘psicóloga’; pela narrativa da oração dos cornos e pelo o bloco de carnaval. O riso foi aqui considerado uma forma crítica de brincar com os valores da honra.

Para o quarto capítulo eu também trabalhei a oralidade. Conversando com um amigo em João Pessoa ele me disse: eu tenho uns amigos que sabem de histórias de homens que levaram chifres. Se você quiser eu falo com eles. Estava fechada a quantidade de fontes para minha pesquisa. Com essas fontes tive o encontro com o que havia de pior em termos de representação do corpo feminino: o escárnio e a centralidade do masculino nas práticas da sexualidade. Foram entrevistas com quatro homens, pelas quais o principal conceito que moveu a análise das entrevistas, foi o **falocentrismo**. Conceito central para investigar as práticas das masculinidades. Estava fechado o

desenho das respostas e levantei uma hipótese: Os homens, ao vivenciarem a traição feminina, exercem varias práticas da masculinidade para suportar a dor. Essa hipótese foi respondida nos quatros capítulos pelos seguintes suposição: os homens suportavam a dor da traição pela pedagogização do corpo feminino para preservar sua honra, pelas praticas da violência, pelo riso e pelo o escarnio.

Apareceu o primeiro problema metodológico: eu estava trabalhando com três temporalidades distintas: **a primeira**, minhas memórias (entre os anos 50 e 60 do século XX) sobre a pedagogização do meu corpo; **a segunda**, tratava-se do processo judicial datada dos anos 90 e a **terceira e quarta fonte**, eram sobre as entrevistas com homens e uma mulher e do ponto de vista temporal, pode-se ser representada como contemporaneidade. Como trabalhar com temporalidades e sujeitos distintos em uma tese de doutorado? Foi aí que decidi justificar em trabalhar por experiências em distintas temporalidades e pela descontinuidade.

Discussão: Vivendo a paixão e reconstruindo o olhar sobre o Outro

O primeiro passo foi reformular o projeto de pesquisa. E assim o fiz. Neste texto, quando se trata dos objetivos - geral e específicos - e da problemática, grifei todos os conceitos que foi uma forma de apresentar o mapeamento conceitual, para em seguida fazer uma pesquisa dos conceitos que deveriam contribuir para analisar os dados da pesquisa. O objetivo geral passou a discutir como os **homens**, a partir de **experiências** distintas, têm suportado a traição feminina, analisando as **táticas** que foram acionadas para exercer a **masculinidade**. Para articular com o objetivo geral, foram elaborados quatros objetivos específicos, pelos quais, eu organizei um para cada capítulo, descrito a seguir: **a) Discutir a pedagogização do corpo feminino** durante os anos 50 e 60, através de vários **dispositivos discursivos**, para preservar a **honra masculina**; **b) Analisar os discursos do homem traído**, dos envolvidos no processo de separação conjugal e do considerado **adúltero**, analisando as distintas formas deles lidarem com a traição e exercerem a **masculinidade**; **c) Analisar as experiências** de um homem traído refletindo como é praticado o **agenciamento** de códigos na Associação de Cornos para exercer a masculinidade; e por ultimo, **d) Discutir como os homens**, ao lidar com a traição feminina usam a **linguagem falocêntrica** e exercem práticas da masculinidades conservadoras.

Para questionar o objeto, trabalhei a seguinte **problemática**: Como foi produzida a **pedagogia** do **corpo feminino** para zelar e proteger a **honra masculina** e como os **homens** na contemporaneidade têm elaborado **táticas** para suportar a dor da traição feminina? Na tese de

doutorado eu tinha que construir uma possibilidade de resposta à problemática, é o que nós chamamos de hipótese¹⁴, a qual ficou assim formulada: “Os homens ao lidar com a traição feminina, exercem múltiplas masculinidades, tanto para fazer funcionar o controle social, como exigência das transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XX”. Esse foi o argumento para justificar a tese.

O conhecimento do Outro por ele mesmo: a decomposição temática

Para conhecer o ‘Outro’, por ele mesmo, utilizei as fontes, ou seja, o processo crime e as entrevistas pelos os quais fiz a decomposição e transformei em temas. É um trabalho técnico, mas requer leituras sobre o tema e sobre os conceitos. Por exemplo, em uma entrevista, ou em qualquer fonte, os sujeitos falam de si e de outras pessoas. Isso é uma construção identitária, mas nas fontes, em geral, não aparece o conceito de IDENTIDADE. Esse é um tema ‘oculto’ e essa é uma tarefa do pesquisador desvendar. Outras vezes o conceito está explícito nas fontes e nessa experiência, em particular, é só registrar. A decomposição temática me ajudou a aglutinar temas e construir o sumário da tese. Por outro lado a técnica da decomposição evita as repetições, já que os temas estão separados para os itens e para os capítulos. A decomposição, enfim, é momento que eu pude conhecer o Outro, por indicação de suas falas.

O conhecimento do Outro pela teoria: o mapeamento conceitual e temático

Com o mapeamento feito nos objetivos e na problemática e com a decomposição temática eu passei construir uma operação para analisar o Outro. Eram as categorias conceituais. Com elas eu passei a ter a substância teórica para operacionalizar os dados. Uma teoria é definida pelos conceitos que a constituem, criados para explicar, conceber ou representar a realidade. Segundo Silva (1999)¹⁵, a teoria: “[..:] descreve como uma descoberta, algo que ela própria criou. Ela primeiro cria e depois descobre, mas, por um artifício retórico aquilo que ela cria acaba aparecendo como uma descoberta (p.17)”.

De modo que a teoria não é a verdade sobre a realidade,¹⁶ ela poder ser, dependendo do lugar teórico escolhido, as verdades sobre a realidade,¹⁷ as representações, ou ainda as criações sobre a realidade. Mas nessa operação ainda fiz um outro mapeamento: o levantamento dos autores e

¹⁴ Lembrar que a hipótese além de responder a problemática é a afirmativa da tese.

¹⁵ Cf. SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidades, uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica 1999.

¹⁶ Estamos chamando de realidade o ‘objeto de estudo’ escolhido para a pesquisa

¹⁷ Ou seja, aquilo que chamamos de varias versões.

autoras que trabalharam com o tema. De posse desse material fiz fichamento de citação para dialogar com os dados da pesquisa. E por último, fiz um levantamento em autores diversos sobre os temas que foram diagnosticados nos dados da pesquisa e que não foram identificados na literatura que tratava sobre o tema.

Resultados: O relacionamento, conflituoso, prazeroso e de descobertas

Passei a vivenciar a relação com a pesquisa, com os autores que escreveram sobre o tema e principalmente, a pensar e suspeitar desse amor. Era um amor bandido, ora me dava prazer, ora me deixava em dúvida, mas também criei condições de investigação sobre ele: eu lhe fazia perguntas, mas era eu quem dava as respostas, pela arte da criação. Era o movimento de desconfiança na relação com o Outro, que em geral, não precisa responder, ele deixa as pistas e a gente responde. Para exercer uma certa segurança na relação, passei a trabalhar com uma amiga: a problemática. Ela foi meu detetive. Passei a investigar o Outro com maior segurança e coerência, na medida em que a problemática tinha como parceira os objetivos específicos. Para construir a problemática fui construir uma pergunta ao objeto. Era a dúvida que a literatura sobre o tema não havia aprofundado. Era a pergunta para conhecer o Outro. Como toda relação, conhecer o Outro foi sentir prazer e encantamento, mas também receio e medo, e foi assim. Através dessa relação, conheci pessoas, histórias dessas pessoas e tive um longo período de visitação e ouvi aqueles que já tinham tido relação com aquele amor – ‘meu objeto’. Li vários autores, cruzei dados e criei minha própria escrita.

Nessa fase da pesquisa e da escrita, paquerei e fui paquerada pelas palavras, pelas criações inventivas das palavras para agenciar modelos de masculinidades. Nessa fase também me encontrei com o riso, com o escárnio sobre o corpo feminino, me deparei com várias falas masculinas machistas e de falocêntrica. Me tornei uma militante de gênero. Cada palavra masculina grosseira e machista sobre o corpo feminina era uma arma de militante que engrossava minha história.

Os sujeitos da minha pesquisa foram homens de experiência e culturas distintas. Homens que foram educados a serem centrados, homens que não deveriam publicizar a dor; que deveriam demonstrar a sua masculinidade, através da valentia e da coragem; mas também havia homens que no silêncio do seu quarto sofriam; homens que afogaram na bebida a sua masculinidade estraçalhada; homens que usavam da violência, física, psicológica e linguística para mascarar os sentimentos; homens que usavam da fala para desqualificar a mulher, enfim homens, homens que se propuseram a falar o dito e não dito sobre si e sobre os outros homens.

O contrato de casamento, arte de escrever: sentimentos, afinidades, coragem, poesia, amor, dor e estranhamento

O curso de doutorado tem uma duração de quatro anos, o contrato de casamento não durou mais que um ano e meio e o casamento acabou, mas não acabou a relação. O contrato do casamento foi o momento da escrita. No meu quarto, lugar onde produzi a escrita, encontrei com várias pessoas. Primeiro, mas não necessariamente nessa ordem, fui ao encontro dos teóricos, como, FOUCAULT (1999.); BUTLER (2003), CERTEAU (1994); FREIRE (1979); entre tantos outros; e para cada temática surgida de decomposição dos dados da pesquisa, escolhi os autores que haviam trabalhado os temas. Sabe aquele encontro do tema, com as categorias conceituais e com a literatura que trata especificamente de cada tema? Preparei um roteiro da escrita para cada capítulo pelo uso da decomposição temática dos dados da pesquisa e dos fichamentos de citações feitas na literatura de cada tema exigido pelos dados. Estava desenhada a arte da escrita.

A criação da escrita

O que seria a arte de escrever? Foi como pintar um quadro, onde uma pergunta ia sendo pincelada por várias cores (os temas) e indicando as possibilidades de respostas. Cada capítulo era uma fase do quadro concluído, ou melhor, arquitetado. Mas uma pintura não só tem história, é preciso ter estética, é preciso provocar no Outro, o leitor, a visibilidade, o desejo de ler. E em cada capítulo, procurei fazer uma chamada com um trecho de música, mas não era qualquer música, eram canções que tinham relação com aquilo estava sendo pintado.

Como uma arte de escrever, fui pegar minhas anotações de pesquisa para ajudar e construir um texto com emoções e sensibilidades. Observei as datas quando comecei a pesquisar, registro que o gravador não havia capturado; anotei as sensibilidades dos entrevistados; como por exemplo, as expressões do rosto dos entrevistados; o cheiro do ambiente onde havia feito uma parte das entrevistas; os detalhes de alguns entrevistados sobre sua dor, enfim, eu precisava criar uma escrita onde os detalhes tivessem seu brilho. Um outro passo foi a coragem de assumir minha presença no texto como sujeito da pesquisa. Entrei de corpo e alma no texto. Sentir o peso da cultura para educação de gênero, como sentir na pele a força da construção da masculinidade, muitas vezes pela violência e pelas desigualdades nas relações de gênero, assumidas em nome da masculinidade, mas isso não me deixou amarga, pelo contrario, criei alma nova para tentar deixar a escrita poética, embora tímida, brilhar a arte de escrita.

E eu não podia fugir das exigências técnicas para um texto acadêmico: as notas de rodapé e as notas explicativas deveriam pedagogizar o texto e deixá-lo com informações sem peso e sem quebra da sequência do tema em discussão. Além é claro das padronizações das chamadas pelos autores e as citações. Por último, organizei a bibliografia lida e usada na tese de acordo com as normas da ABNT.

Como todo casamento, as dores racham o corpo e a pele. Como toda escrita, as dores racham as palavras. Dores de sentir que o texto estava finalizando, que o encantamento esvaziava pelas pontas dos dedos, mas a relação estava apenas começando pela uma nova forma de amor: era preciso dá visibilidade aquilo que eu descobri sobre o tema e fazer brilhar meu objeto, pela visibilidade e pela publicidade, o o resultado foi a publicação do meu livro “Homens Traídos e praticas da masculinidades para suportar a dor”.

Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. Quem é frouxo não se mete": **violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**” Disponível In <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928> visitado em 14 de junho de 2016

ALMEIDA, Miguel do Vale. - Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso no sul de Portugal- **Anuário Antropológico**, 95: 161-190u (Brasil), 95: 161-190, 1996.

ARAUJO, Eronides Câmara de. “Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”: **homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor** / Eronides Câmara de Araujo. – Campina Grande, 2011. 295 f.: il. color. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Anderson Moebus Retondar . Disponível In <http://www.ufcg.edu.br/~ppgcs/wp-content/uploads/2012/10/tese-ERONIDES-C%C3%82MARA-ARRUDA-PDF.pdf> visitado em 14 de julho de 2016.

BONI, Valdete e Quaresma, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**- Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), Janeiro-Julho/2005, p. 68-80.

GOLDENBERG, Mirian Infiel – **Notas de uma Antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 364 p.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Supervisão final do texto de Léa Porto de Abreu Novaes et AL. J.- Rio de janeiro: Nau Ed., 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidades, uma introdução às teorias do currículo**. **Belo Horizonte**. Autêntica 1999.